

José Roberto Santos Neves

Bossa para japonês ver

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Certas incoerências no Brasil são difíceis de entender. Por exemplo: se, nos Estados Unidos, um músico da nova ou velha guarda lança um álbum com o repertório de Ira e George Gershwin, Irvin Berlin e Cole Porter, este trabalho é analisado como uma “releitura de standards”. Aqui, quando um artista de bossa nova regrava canções de Tom, Vinicius, Carlos Lyra, Roberto Menescal e Baden Powell, logo recebe a pecha de “estagnado” da imprensa especializada e dos palpiteiros da internet. É provável que seja este o tratamento dado ao novo CD de Oscar Castro-Neves, “Live at Blue Note Tokyo” – com exceção deste espaço.

Compositor, violonista, arranjador e produtor, Oscar Castro-Neves, 70, tem todo o direito de revisitar o repertório fabuloso de um movimento do qual é um dos artífices. Afinal ele participou das reuniões musicais no apartamento de Nara Leão, no fim dos anos 50; estava no famoso concerto do Carnegie Hall (EUA), em 1962; e construiu uma sólida carreira no exterior, conquistando o respeito de nomes como Dizzy Gillespie, Stan Getz, Quincy Jones, Dave Grusin.

É compreensível que seu novo disco tenha sido gravado no Japão, para uma plateia que demonstra sentir-se mais à vontade do que os brasileiros diante dos acordes de “Ela é Carioca” (Tom/Vinicius), “Manhã de Carnaval” (Luiz Bonfá/Antonio Maria) e “Chora tua Tristeza” (primeiro sucesso de Castro-Neves, em parceria com Luvercy Fiorini). Será que teremos que redescobrir com os japoneses o prazer de ouvir “Águas de Março”, aqui em sua versão para o inglês “Waters of March”?

Registrado na Blue Note de Tóquio, entre 26 de abril e 1º de maio de 2009, o álbum conta com um elenco de feras que inclui Airto Moreira (bateria), Marco Bosco (percussão), Paulo Calasans (piano acústico e teclados) e Marcelo Mariano (baixo elétrico), mais a voz delicada de Leila Pinheiro, que se casa perfeitamente com o lirismo do roteiro.

Impossível deixar de destacar a performance de Airto Moreira em “Caninana”, uma narrativa da filiação do Brasil à África com toques de pandeiro e canto de senzala. É assim, a partir da fusão da célula rítmica do samba com o refinamento do jazz, que Oscar Castro-Neves e Cia. conquistaram a terra do sol nascente. Porque isto é bossa nova, isto é muito natural.

Mas Marco gostou da lembrança e enumerou vários sambas de Agepê para além da emblemática “Deixa eu te amar”, da qual muita gente gosta, mas tem vergonha de admitir.

Na redação, dirijo-me ao colega Wilhelm, que não dispensa um churrasco ao som de um pagode com a Brahma estupidamente gelada.

- Wilhelm, lembra do Agepê?
- Claro, velho! Fez um monte de sambas bons.
- Pois é... ele morreu.
- Morreu?